

ABERTURA DO TESTAMENTO UNIVERSAL DE CRISTO

DOUTRINA DO REINO DOS CÉUS

LIVRO PRIMEIRO

O FILHO DO HOMEM

E

A ESPERANÇA DE SALVAÇÃO UNIVERSAL DA
HUMANIDADE



CRYS

“Assim, como pela transgressão de um só veio a condenação para todos os homens, da mesma forma, pela justiça de um só, veio para todos os homens a justificação que leva à vida. Pois, assim como pela desobediência de um homem muitos foram constituídos pecadores, assim também, pela obediência de um só, muitos serão constituídos justos. Mas a lei foi introduzida para que o pecado abundasse; porém, quando o pecado abundou, a graça superabundou; para que, assim como o pecado reinou para a morte, assim também a graça reine pela justiça para a vida eterna por meio de Jesus Cristo, nosso Senhor.”

Vê-se que a glorificação de Jesus Cristo prevalece. Não poderia, nem pode ser de outra forma. Sobretudo em um Dia cuja Noite cairia sobre todos os beneficiários da Redenção da maneira conhecida. Quem ousará levantar a voz para silenciar a voz do Espírito Santo? Para a criança que nasce, o mundo certamente nasce com ela; ele compreende sua existência apenas como efeito de uma existência anterior que estende suas asas no Tempo dos Milênios, quando esse mundo começa a lhe mostrar seu verdadeiro rosto e sua lei se torna visível para ele, quando sua própria existência se encontra no centro de sua atenção, e ele compreende que este mundo é um campo de batalha, no qual ele nasceu, cuja lei ameaça sua sobrevivência. Quem pedirá explicações ao Senhor, o Pai de Jesus Cristo, por ter deixado passar tantos milênios desde a Promessa de redenção até o Nascimento do Filho do Homem? Conhecemos suas razões: o Espírito Imaculado de sua Justiça e a Bondade sem limites de sua Sabedoria se tornaram Homem para que, a partir do Amor, compreendêssemos o que, pelo Amor ao seu Filho, já compreendemos. E, a partir do Amor, falemos com Justiça e Sabedoria ao afirmar que a Fé nos traz a Absolição de todos os nossos delitos e crimes cometidos antes do Batismo, a todo aquele que crê. Mas o mundo anterior à Vinda do Redentor encontrou-se como um filho abandonado nas trevas da Morte; privado dessa Justiça que, pela Fé em Cristo, nos abre a Porta do Paraíso da Vida Eterna; nossos pais segundo a sangue não conheceram outra Realidade além daquela criada por aquele homicida que vemos, no Livro de Jó, apresentar-se perante o Criador do Novo Cosmos com a descarada arrogância do louco que se crê capaz de colocar de joelhos até mesmo seu próprio Criador. O abandono dos povos nascidos do crime do primeiro rei da Terra, Adão, filho de Deus, pai de Cristo segundo a carne, foi absoluto. Todas as famílias da Terra foram desterradas da Presença de seu Criador, entregues ao inferno que o filho da Morte acendeu ao matar aquele filho de Deus, formado por Deus em pessoa. “Deus repartiu as famílias dos homens entre seus filhos, mas a porção de Deus é Adão”, escreveu Moisés em seu cântico.

Conhecemos a causa da rebelião daquele filho de Deus, “não desta criação”, como lemos na Carta do Espírito Santo. A inveja do trono do Primogênito foi a causa de seu homicídio. A doutrina de nossa Santa Mãe, a Igreja Católica, tem sido o leite do qual todos os seus filhos se alimentaram. Mas, ao nos tornarmos homens e herdarmos o espírito de inteligência à imagem e semelhança do espírito de nosso Pai, seu Senhor Jesus, nosso Rei Jesus Cristo, compreendemos por que seu Senhor, nosso Rei, nos fala da Segunda Morte. O que nos leva a

nos perguntar: o que nos tornou melhores do que nossos pais? Fizemos algo para merecer a Graça do Batismo Católico, pelo qual nossa alma fica purificada como a de uma nova criatura? Como conquistamos o que nossos pais, antes de Cristo, não conseguiram? Que méritos tiveram os visigodos, os galos, os romanos, os francos, os saxões e os vikings para merecer a fé que não foi concedida a seus pais, nascidos antes de Cristo?

Um Antes e um Depois. A Deus abriu a porta do Seu Reino para o mundo nascido depois de Cristo; o mundo que viveu antes de Cristo conheceu e viveu, com toda a sua dureza, a condenação devida ao pecado de um único homem. Não se sofre com a mesma dureza uma condenação sem redenção quanto a uma condenação com data aberta para a liberdade. O Mundo Antigo, os povos nascidos antes de Cristo, nasceram na prisão das trevas que provêm do exílio da Vida de Deus. A Lei Universal daquele Mundo era escrita com uma espada banhada no sangue dos vizinhos. Cada espada escrevia sua própria lei. Exilados de Deus, com a Coroa de Adão entregue ao seu assassino, Satanás, aquele mundo era um inferno com uma única lei: mate ou morra. Como esperar que, após milhares de anos escravizados a tal lei, esses povos pudessem escrever uma história diferente daquela que escreveram seus reis, seus heróis, seus imperadores, seus profetas, seus santos e seus deuses? O julgamento pelo crime de um único homem foi uma condenação contra todas as famílias do mundo. Perguntamos: como julgar esses povos, nascidos e criados no inferno da lei da guerra do irmão contra o irmão, do filho contra o pai, do vizinho contra o vizinho, de todos contra todos — em suma, de acordo com a lei da Liberdade, da Igualdade e da Fraternidade Cristã?

Mas o Julgamento contra aquele mundo tinha data marcada. E um Juiz. O próprio DEUS YAVÉ, Pai de Jesus Cristo, chamaria todos os povos antigos para se apresentarem perante seu Tribunal a fim de conhecerem sua Sentença. E assim foi.

Mas o Julgamento contra o Mundo Antigo não foi definitivo. Por isso, Deus diz, por meio de Seu Filho, que aqueles que O amam não devem temer a Segunda Morte, ou seja, a Sentença Final contra o Mundo antes de Cristo e o Mundo depois de Cristo.

Daí se vê que Deus Pai glorificou seu Filho, deixando em sua Palavra essa Sentença. “Eu o glorifiquei e o glorificarei novamente”, lemos em Seu Livro.

Nós contemplamos a Encarnação a partir da dimensão de nossa Redenção. Mas, sem dúvida alguma, era necessário que aquele que há de julgar os vivos e os mortos, de todos os tempos e nações, fosse colocado no lugar dos homens, de modo que, vivendo em sua carne o peso da Lei do inferno em seu próprio ser, sua Misericórdia encontrasse em sua Justiça uma Coluna Maravilhosa. E, por outro lado, ao assistir ao Julgamento de Seu Pai contra o Mundo Antigo, “porque o Filho faz o que vê o Pai fazer”, na Misericórdia de Seu Pai para com aquele Mundo — banido de Sua Presença e entregue ao príncipe do inferno —, encontrasse a Sua própria Fonte. Pois, se Deus Pai fosse um Juiz Cruel que não enxergasse a raiz do Mal, não teria colocado aquele Mundo nas mãos de Seu Filho. Pois quem observa de fora a natureza fraticida daquele mundo antigo, por força maior, não pode encontrar argumento de exculpação. Assim, era necessário levar à Perfeição aquele Filho, em cujos lábios o Pai havia disposto a Sentença Final contra um Mundo que, se tivesse conhecido a Verdade Plena sobre o motivo de a Sentença lapidária à Transgressão de seu filho Adão — condenando um mundo

inteiro pelo pecado de um único filho de Deus, nascido de homem —, teria tido a Liberdade que nasce da Verdade, e, desfrutando dessa liberdade, preferiria ter morrido a se ajoelhar diante de Satanás.

O fato de nossos antepassados não estarem perdidos para o nosso Criador fica evidente pelo fato de Ele ter-nos dado como Defensor o Filho de suas entranhas. Por que Ele submeteria Seu Filho Amado a viver a condição do homem, se tivesse considerado perdida a alma dos povos expulsos de Sua Presença pelo crime de um homicida, filho de Deus em sua origem, mas que acabou se tornando uma besta imunda? Se o Criador não tivesse acreditado em Sua Criação, por que deixaria a Sentença Final nas mãos de Seu Filho? Se Deus não acreditasse que o Homem se levantaria para implorar Misericórdia ao Juiz Todo-Poderoso por Ele escolhido, que necessidade teria Ele de colocá-lo em Seu Trono, se não fosse pelo Amor ao Filho? O Mundo Novo encontra em Seu Coração braços abertos para a Absolvição e a Regeneração da alma da Raça Humana, em nossa fé invencível de que Ele possui, em Seu Pai, a plenitude do poder e da glória daquele que é Deus, Filho Unigênito, Deus Verdadeiro de Deus Verdadeiro, gerado nas entranhas incriadas de YAVÉ, DEUS PAI, Criador da Luz do Novo Cosmos e das Trevas que preenchem a Face do Abismo, de tudo o que é visível e invisível, Senhor do Infinito e da Eternidade, Pai de toda a vida no Universo? Filho de tal Pai, como não depositar Nele nossa esperança, que é a Sua, de justificar com nossas obras nossa crença de que, se não tivéssemos sido expulsos da Vida de Deus, nosso Criador, Suas obras nunca teriam sido diferentes das nossas.

Recordemos a História da Redenção.

A razão que levou Deus a escolher, para o “Dia de Yavé”, seu Unigênito, assumindo, por meio de sua Encarnação, a sentença contra o assassino de seu pai, Adão; essa razão revela a necessidade do Criador tanto de virar a página das guerras do passado quanto de erguer uma muralha indestrutível e impenetrável, contra cuja solidez se estrela a repetição de uma Queda de Sua Criação no abismo da Guerra.

O Amor do Criador por sua Criação, o Amor de Deus por seus filhos, foi o calcanhar de Aquiles contra o qual a Serpente da Morte cravou suas presas, injetando no corpo dos filhos de Deus — não do nosso mundo — o veneno da inveja contra o Rei dos reis e Senhor dos senhores do Império de Deus. Em sua loucura suicida e homicida, conceberam a insanidade absoluta de acreditar que poderiam tentar o próprio Rei dos reis com o Fruto Proibido da Ciência do Bem e do Mal: a Guerra.

Deus, em Seu Amor pela Criação e por Seus filhos, acreditou que a dúvida sobre a Divindade de Seu Primogênito havia sido enterrada assim que o Poder de Sua Palavra — inerente ao Verbo de Deus, Seu Pai — foi revelado. Todos os filhos de Deus, criados antes da Criação de nossos Céus e de nossa Terra, foram convidados a desfrutar do Ato Criador, primeiro como espectadores privilegiados, vendo com seus olhos e ouvindo com seus ouvidos a Natureza Todo-Poderosa e Onisciente do Unigênito, ao som da cuja Voz as estrelas dos céus correram para ocupar seus lugares na Árvore das Constelações. E foi a eles que esse Irmão Todo-Poderoso, chamado Deus, chamou para formar o Homem à sua imagem e semelhança.

O acontecimento da Queda do Homem nos revela que o Tentador Maligno escondeu o veneno da Traição no esgoto de sua Inveja para com JESUS, o Unigênito. Inconcebível para o , o Senhor Deus YAVÉ, como Pai, uma rebelião contra a Coroação de seu filho Adão; Deus deixou o Futuro da História do Reino da Terra nas mãos do Homem, sobre cuja cabeça fez descer a Coroa do Céu, conforme está escrito nos textos não bíblicos; com isso, Deus quis dizer que a Coroa do Homem era exaltada entre as nações à imagem e semelhança da natureza das coroas dos filhos de Deus, que governaram o Império do Rei dos reis e Senhor dos senhores: JESUS.

A devida obediência dos filhos para com seu Pai Divino durante as eras mitológicas, deixando nas lendas dos antigos a existência dos deuses que desceram do Céu para iniciar as primeiras famílias humanas nas artes e nas ciências naturais, necessárias à fundação de uma sociedade de cidades aberta a uma civilização de nações; essa Obediência, concretizada na fundação do Reino Mesopotâmico de Adão, tendo seu Amor de Pai sido satisfeito, Deus descansou. Seus filhos haviam compreendido que o Amor do Criador por sua Criação é tão infinito quanto o Ódio que a abominável fruta da Semente da Mentira gera em sua Alma: a Guerra.

A Terceira Guerra de Rebelião contra a Lei do Rei dos reis e Senhor dos senhores, JESUS, Deus Filho Unigênito e Primogênito, eclodiu. (Em A Vida e a História do Senhor Deus YAVÉ, descrevi a sequência dos acontecimentos que arrastaram seu Mundo às duas Guerras Civis entre os Reinos que, naquela época, antes da Criação de nossos Céus e de nossa Terra, encontraram Morada no Paraíso da Vida, sobre cuja dimensão eterna e infinita nos falou seu Filho, dizendo: “Na Casa de meu Pai há muitas Moradas”, afirmando em seguida que partiria para preparar para o nosso Mundo a Morada na qual encontraremos nosso Lar Eterno); em suma, a Guerra Fratricida entre os filhos de Deus se desencadeou novamente, com o agravante de que essa Terceira Guerra Universal fez da Terra seu Campo de Batalha, e uma Guerra até a Morte. Uma guerra de loucos, tanto mais suicida quanto o fato de que Deus Pai acabara de proferir Sua Sentença *ad eternum et ad infinitum* contra a guerra. E digo “com o agravante” porque o ser humano havia sido formado “nu” em tudo o que diz respeito ao conhecimento do mal.

A Primeira Geração dos filhos de Deus, nascidos na Terra, cujo líder social era Adão, em termos de Ontogenia da Civilização: encontrava-se em sua Infância. Tanto mais abominável era essa Guerra Final entre Deus e a Morte quanto mais frágil era a defesa do Primeiro Homem diante da maldade de alguns filhos de Deus cuja idade se mede em milhões de anos, e cujo conhecimento da Ciência do Bem e do Mal já era uma realidade consumada. E tanto mais suicida foi aquela Declaração Final de Guerra à Lei Divina quanto mais imenso era o amor que Deus, como Pai, nutria por seu filho mais novo, Adão. Assim, se a mera ideia de desafiar o Senhor Deus YAVÉ para um duelo já é loucura absoluta, fazê-lo jogando na cara Dele o sangue de seu filho mais novo foi um sinal irreversível de demência: uma criatura gerada a partir do pó do Cosmos desafiando o Criador do Cosmos! Que nome daremos a essa demência suicida?

Uma vez consumado o Acontecimento da Queda, não restava senão contemplar o horizonte que esse acontecimento desencadeou. Foi nesse momento que nasceu o filho do

Homem. Ou seja: o filho de Eva que pegaria a maçã com a qual o filho de Adão esmagaria a cabeça do assassino de seu pai.

A Necessidade impôs sua Lei.

A quem, senão ao Irmão Mais Velho daquele Adão, o mais novo dos filhos de Deus, caberia, com todo o direito, executar a Sentença assinada por seu Pai contra o Traidor e Fratricida, chamado Satanás, a Serpente do Éden? Pois se “Deus, pelo sangue derramado de um homem, pode chamar qualquer homem para fazer justiça”, pelo sangue de um filho de Deus, qualquer um dos filhos de Deus poderia ser chamado para a execução da sentença contra o fraticida.

Uma vez respondidas essas questões na História Divina de Jesus Cristo, cabe-nos aqui compreender que o Conflito desencadeado no Reino do Éden, capital do Primeiro Reino da Mesopotâmia, espalhou suas ondas apocalípticas sobre toda a Criação. Não foi apenas o nosso Mundo que foi atacado pela Morte; também os Mundos criados antes dos nossos Céus e da nossa Terra.

A partir da ignorância, não se compreende por que Deus, que pode curar todas as feridas e ressuscitar os mortos — poder que Seu Filho nos mostrou ao vivo para que continuássemos buscando, além da letra, a razão por não ter feito isso naquela ocasião; não se compreende por que Deus não o fez naquela ocasião. Essa razão, pela qual Deus não fez tábula rasa sobre o túmulo de seu filho mais novo, essa razão estava em seu próprio Espírito.

O sentimento de abominação pela Ciência do Bem e do Mal que habita no Criador do Cosmos e dos Mundos que habitam seu Paraíso é invencível.

O rebelde, homicida e traidor buscou, com sua Guerra Final contra o Espírito Santo da Lei Divina, a legitimação de sua concepção do Reino de Deus como um Estado Supremo governado por príncipes, todos eles deuses, imunes à Lei, obrigando assim o Criador a abençoar a mudança progressista da relação entre Deus e seus filhos por meio da transformação de seu Reino de Justiça, Fraternidade e Paz: em um Olimpo de deuses, todos e cada um investidos de impunidade absoluta e imunes à Lei, por ser Ele, YAVÉ, o Deus dos deuses. A reivindicação dos filhos rebeldes, com base no sangue de Adão, era: a Regência e o Governo do Império de Deus, com o Criador abandonando sua Criação nas mãos de seus filhos, os deuses.

Contra esse pensamento, que Deus sabia que fervilhava no íntimo de alguns de seus filhos, liderados por Satanás, Ele proferiu a sentença de exílio eterno de Sua Criação contra qualquer um que não expulsasse de seu ser tal demência. Os termos da Lei foram e continuam sendo claros pela eternidade das eternidades: “NÃO comas, pois morrerás”.

A Serpente que a Morte havia gerado em Satanás — embora pareça redundante repeti-lo, vou repeti-lo — escolheu, em vez do Paraíso da Paz e da Fraternidade, o Inferno do Ódio e da Guerra eterna. Revestindo-se de anjo de luz — máscara que os servos de Satanás têm usado desde então contra o Homem e a Igreja Católica —, aquela “geração de filhos rebeldes” selou com o sangue de Adão seu Exílio Eterno da Criação.

Assim, com a transgressão do Primeiro Rei da Terra, a Besta Rebelde usou o sangue do Homem como declaração de guerra contra o Espírito Santo do Senhor Deus YAVÉ, muro contra o qual até então se chocara aquela concepção maligna, que a Deus resultou abominável: A transformação de seu Reino em um Estado Federal governado por barões que vivem à margem da Lei, protegidos por lei contra a responsabilidade por seus atos, abençoados para fazer de todos os povos seus escravos, seus soldadinhos de chumbo com os quais matam o tempo brincando do Esporte da Guerra.

Foi isso que aconteceu no Éden: com a Queda do Primeiro Rei da Mesopotâmia, foi assinada uma declaração de guerra contra seu Criador por uma geração de filhos de Deus, não deste mundo, não nascidos em nossa Terra, que, em sua loucura, conceberam uma Federação Imperial como o Modelo Natural de convivência entre Deus e os deuses. A partir daquele momento, era tudo ou nada!

A decisão foi tomada pelos filhos rebeldes de Deus antes de transformarem a Mentira nos chifres com os quais o Primeiro Homem seria chifrado e dado como morto; a saber, a decisão suicida continha esta condição: antes o Exílio do que viver como simples cidadãos do Reino de Deus, sujeitos ao Império da Lei.

A Lei não lhes permitia viver como verdadeiros deuses. Um verdadeiro deus não pode ser levado a nenhum tribunal, nem obrigado a prestar contas de suas ações perante ninguém.

Não eram eles que deviam aceitar a Verdade, a Justiça e a Paz como os pilares da Civilização das civilizações criada por Deus, Pai de todos, e governada por seu Primogênito na qualidade de Rei dos reis e Senhor dos senhores: “NÃO, era Deus quem deveria ouvir a voz de seus filhos, aceitar sua condição de deuses e abençoar o Modelo de Império que, por meio deles, viria a beneficiar a estabilidade e o progresso da Federação dos Povos da Criação”.

A guerra havia sido declarada. A Terceira Guerra Universal entre os Povos de seu Paraíso transferiu-se do Céu para a Terra. O Homem não era nada, um machado de guerra, apenas isso, um machado de guerra ensanguentado com o qual os filhos rebeldes de Deus desafiavam Deus Pai, buscando banir de seu Ser o Espírito Santo.

A Necessidade impôs sua Lei. NÃO haveria Império; nem tampouco Federação de Príncipes governando a Plenitude das nações da Criação. O Fim dos Rebeldes havia sido ditado por eles mesmos.

O Império havia morrido, e seu Rei dos reis e Senhor dos senhores deveria morrer com ele... Para renascer no Rei Universal, Sumo Pontífice Sagrado, Cabeça divina da Religião Católica, Senhor do corpo de Sacerdotes, da Igreja, Templo da verdade Divina eterna, Pai eterno de uma Geração de filhos de Deus animados pelo Espírito da Verdade, Juiz Todo-Poderoso cuja Palavra é Lei, cujo Verbo é Deus.

A necessidade da Revolução Cristã trouxe sua Lei. Morria o Rei dos reis e Senhor dos senhores; nascia o Rei.

O Espírito Santo, contra quem a Morte lançou sua Serpente, manifestou-se em carne e sangue para que toda a Criação pudesse ver sua Natureza, sua Personalidade, e

compreendêssemos por que o Senhor Deus YAVÉ não pode admitir em sua Criação a existência da Árvore do conhecimento do bem e do mal, cuja lei abominável eleva alguns cidadãos acima dos demais, protegendo seus atos e os criminosos por trás do muro da deficiência intelectual natural de quem sofre de doença mental.

A necessidade de fundar essa Revolução Divina implicou o abandono dos povos da Terra nas mãos daquela Serpente que, mais tarde, se apresentou diante do Escolhido de Deus, nas montanhas da Judéia, para sua ruína eterna no “Dia de Yavé, dia da Vingança”: o Filho do Homem havia nascido. Duelo até a morte. O Filho do Homem segurava na mão a maçã com a qual esmagaria a cabeça do assassino de Adão.

Esta é, portanto, a origem do título que o Filho de Deus assume com sua Encarnação: Cristo, o Filho do Homem, o filho de Eva que, sobre o cadáver de seu pai Adão, invoca a Deus, chama a Vida e herda a Maza com a qual esmaga a cabeça daquele Satanás que, em sua loucura infernal, foi oferecer-lhe todos os reinos do mundo se ele o adorasse de joelhos, a ELE, o Filho Amado do Senhor e Deus do Infinito e da Eternidade, em cujas mãos seu Pai colocou toda a sua Criação.

De fato, o Filho do Homem recolhe a Coroa perdida de Davi, que, como legítimo herdeiro de Davi, deposita aos pés do Trono de Deus, em devida obediência à Sabedoria Salvadora de seu Pai, que estabeleceu o Fim do Império e o Princípio do Reino de seu Filho JESUS, a quem, em cumprimento ao seu Decreto: “Hoje eu te gerei; coloco aos teus pés todos os povos da minha Criação, sobre os quais és Senhor Universal e Rei Eterno”, senta à sua direita como aquele que herda em vida a Coroa de um Pai que é Eterno.

Sabedoria predestinada aos Apóstolos; se os príncipes de Israel a tivessem conhecido, não teriam levantado um único dedo contra o Rei. Mas, consumado isso, com a Revolução Cosmológica já entronizada no Trono de JESUS CRISTO, e certificada em seu Livro a força do sentimento de abominação do Pai da Vida perante a presença da Morte em seu Paraíso, restava estabelecer a Salvação Futura da Plenitude das nações do nosso Mundo.

Esperança de Salvação Universal que, devendo estender sua Graça à Plenitude das nações, exigiria primeiro que nosso Mundo caminhasse ao encontro dessa Plenitude. Caminho longo e estreito que os povos da Terra deveriam percorrer, caminho esse em que se diluía nas brumas dos séculos a Verdadeira Face do Filho do Homem, na qual se manifesta o resplendor do Rosto de Deus.

Chamados à Vida à Imagem e Semelhança daquele que disse: “Façamos o Homem à nossa imagem e à nossa semelhança”, perdidos nas trevas dos milênios, precisávamos ver esse Homem cujo Princípio está na Mente de Deus e cuja Origem está na Boca de seu Filho. Que homem Deus gerou em sua Sabedoria e seu Filho criou na Terra? Seria o romano, o judeu, o grego, o persa... o chinês, o hindu, o egípcio, o maia, o asteca?

A resposta se perdeu na teia de aranha das religiões antigas.

Inalcançável a Verdadeira Imagem de Deus, cada povo criou para si deuses nos quais justificar suas paixões e legalizar as guerras de extermínio contra seus vizinhos.

De repente, aquele espírito concebido por Deus no Princípio tornou-se Homem.

No Filho do Homem, Deus nos apresentou Seu Filho, e em Cristo, o Homem a quem Ele chamou à Vida. Aquele homem que os apóstolos viram, tocaram e ouviram é o Homem que Deus gerou em Sua Sabedoria e chamou de filho. Esse é o Homem que Deus ama. Esse é o Homem que vive em Deus e tem no Rei sua Vida eterna.

Sua Personalidade está escrita. Pão abençoado para o Bem, é a Sarça Ardente contra o Mal. É Amor pelos semelhantes a ponto de entregar a vida por amor. É Filho de Deus: templo, castelo e palácio vivo da Paz.

Tudo pertence a Deus; todos nós, homens, compartilhamos o que temos sem guardar nada para nós mesmos, pois todos somos filhos de Deus e cidadãos do Seu Reino.

Em suma, o retrato desse Homem, encarnado pelo Filho de Deus, à cuja imagem e semelhança o Homem Novo vem à vida, está nos lábios de sua Esposa, Nossa Santa Mãe, a Igreja Católica.

Esse é o Filho do Homem que virá para julgar os vivos e os mortos. Ele é um pão abençoado para quem adora a Lei; Ele é um fogo todo-poderoso e onipotente que lança Seu Braço sobre os inimigos da Lei. Cada um escolhe a sentença que recairá sobre sua cabeça.

O Amor de Deus pelos homens está em ter-nos dado este Filho como Juiz; Ele nos mostrou como Ele é, revestido de homem, para gerar em nós o Amor à Sua Pessoa, não como Rei nem como Deus, mas como Pessoa Maravilhosa, na qual o conceito de Mentira, Guerra, Traição, Corrupção e o Mal, em qualquer de suas formas, é uma abominação.

De tal pai, tal filho; de tal Filho, tal Pai.

A Unidade entre Deus e seu Filho, buscada para banir o Espírito Santo do Ser do Criador, não apenas afundou no Abismo, mas elevou-se ao Trono do Rei Deus. Pai e Filho, duas Pessoas nas quais vive um Único e só Espírito: que se nos revelou em Cristo, encarnação visível do Espírito Santo que vive no Pai e no Filho.

O Pai é o Senhor Deus YAVÉ, o Filho é o Senhor Rei JESUS CRISTO.

A Justiça de Deus é a Justiça do Rei. A Unidade Indivisível entre Deus e seu Filho é Invencível. Duas Pessoas Divinas, um Único Espírito Eterno. Daí se vê que, ao mesmo tempo, Deus, que nos oferece uma Esperança de Salvação Universal ao nos dar como Juiz seu Filho Amado — cuja Adoração vive em nossas almas —, nos lembra que nesse Filho vive o Fogo incombustível que arde em YAVÉ DEUS contra a Lei da Ciência do bem e do mal. No amor à Lei e à Vontade de Deus, nós, as nações, temos a porta para a absolvição universal do gênero humano.

No entanto, que ninguém se engane. A defesa do nosso mundo, confiada às nossas mãos, tem seu fundamento na natureza dos acontecimentos pelos quais a plenitude das nações, unidas em uma Árvore da Vida, viverá, segundo a Lei da Fraternidade Natural, para todos os filhos de Deus.

Criar essa Civilização da Plenitude das nações, governada pelo Espírito do Rei, é nosso Dever, o Horizonte para o qual começamos a caminhar a partir deste Século, caminho que será percorrido pelas gerações que nos seguirão até o Dia em que o Filho do Homem aparecerá sobre as nuvens, e se torne visível aos olhos da geração que Deus preparou para vivenciar esse acontecimento, cuja data somente o Senhor Deus YAVÉ conhece.

Vãos são os argumentos daqueles que esperam que o Filho de Deus se torne novamente homem e instaure seu Reino sobre um grupo de fiéis, apenas eles poupados do apocalipse destrutivo que, segundo eles, recairá sobre o restante da humanidade.

Não menos vazio é o argumento daqueles que esperam que o Messias venha para entregar o Império à Jerusalém dos israelitas.

Não somos nós, os homens, que escrevemos a História e dispomos de séculos para impor nossa lei às nações. O Dia da glória da liberdade dos filhos de Deus anuncia o amanhecer da gloriosa liberdade do Filho de Deus, que, sendo Rei Todo-Poderoso e Onisciente, uma vez que Deus deu por encerrado o Decreto que o manteve sentado como alguém que ainda deve esperar até que seu Pai considere bom que ele se levante, uma vez de pé, com as pernas estendidas para os dois lados do oceano, estende sua Coroa sobre todas as nações.

Vãs são as pinturas que os poderes deste século traçam na parede do futuro. NÃO haverá Guerra Mundial, não haverá Governo Global de potências estabelecidas acima das leis, ditando elas mesmas as leis por meio das quais seus membros se protegeriam com imunidade contra as consequências judiciais a serem pagas por seus crimes e delitos. Essa casta de deuses, à imagem e semelhança daquela que Satanás quis impor a Deus... jamais alcançará a meta para a qual corre.

A Glória da Liberdade dos filhos de Deus se derrama sobre todos a partir daquele que é o Primogênito de todos. Todos nós somos, Nele e com Ele, uma única coisa: Sua Ação na Terra. O mesmo que entregou Sua Vida para que nascessemos: aquele que era, é aquele que é.

Quem ama a Deus acima de todas as coisas ama o próximo como a si mesmo. O próximo dos homens somos todos os homens. À imagem e semelhança do Filho do Homem, em quem encontramos nosso Ser, somos irmãos, cidadãos de um Reino cujo Rei nos traz a Alegria de quem vive no Paraíso, e cujo Governo nos dá a Garantia de que o Joio Maligno da divisão entre irmãos não voltará a encontrar terreno fértil em nosso Mundo.

A Eternidade começa Hoje. A vida eterna é vivida Aqui. O Amanhã é apenas o caminho para o encontro com o Filho do Homem, segundo a Presciência de Deus destinada a uma geração futura, cujo número de séculos é desconhecido para qualquer homem.

Nossa fé reside em acreditar que essa geração se ajoelhará diante de seu Rei, na esperança de que o Argumento de Deus tenha conquistado seu coração, a saber, que, se não tivesse mediado a traição de Satanás, o homem nunca teria transgredido a Lei. O valor desse Argumento dá vida à Palavra da Absolvição Universal daquele que tem o Poder de regenerar as almas sem causar na Eternidade uma fratura, invisível mas certa, que faça regressar do seu Exílio ao Inferno aquele a quem a Morte quis arrastar a Criação de Deus.

PRIMEIRA PARTE

O PENSAMENTO DE DEUS

O amor do Senhor Deus YAVÉ por sua Criação é ilimitado. O Espírito do Criador, que vive Nele, é a fonte de uma paixão de natureza infinita pela Vida. O fato de ter escolhido o Filho de suas entranhas para encarnar o Filho do Homem nos revela o quanto Deus ama sua Criação. Está escrito: “De tal maneira Deus amou o mundo que nos deu o seu próprio Filho, para que todo aquele que nele crê tenha a vida eterna”. Um amor pela Vida que tem, na Paixão do Criador por sua Criação, sua fonte inesgotável de ação.

Eu sei disso, todos sabemos disso: a abominação cometida pela Rebelião Protestante Anglicana ao afirmar que “Deus não sente paixão” também está escrita; e, embora assinada por um criminoso e uma associação de criminosos, cuja paixão foi aceitar cair na tentação de herdar todos os reinos do mundo em troca de se ajoelhar e adorar o Maligno, todos sabemos que, criados à Sua Imagem e Semelhança, o espírito do Criador vive em nós, e por essa vida compreendemos, contra a Declaração IMPERIAL ANTICRISTIÃ das igrejas nascidas da Reforma, que a Criação é “um ato de paixão”, o que todo criador pode afirmar com seu sangue. “Ato de paixão” no qual o Criador e sua Criação ficamos unidos imortalmente.

O fato de YAVÉ, Deus, ter escolhido o Filho de suas entranhas não criadas para ser oferecido como Cordeiro, por cujo Sangue viria a Redenção a todas as nações — escolha selada no monte Moriá por Abraão —, esse fato nos revela a natureza do Amor do Criador por sua Criação.

De fato, tendo revelado a Abraão a existência de seu Unigênito, tendo-lhe aberto seu Coração à Redenção, a pergunta de Deus ao seu Amigo foi clara: O que você me oferece por essa Escolha, garantia da Vitória do Filho do Homem sobre o inimigo da sua Casa e do seu Mundo? O que você está disposto a me oferecer pela Encarnação do meu Filho Unigênito?

A resposta de Abraão foi firme: “A vida do meu filho único”.

O Acontecimento está escrito.

O Senhor Deus YAVÉ pediu-lhe que o fizesse.

E, sem hesitar, Abraão ergueu o braço contra o pescoço de seu filho único, Isaque.

Transportado pelo amor de sua Criação para com seu Criador, o Senhor Deus YAVÉ impediu o sacrifício e jurou-lhe por Seu Nome que, em sua Descendência, todas as famílias da Terra seriam abençoadas.

Com base na fé de Abraão na bondade e na justiça de seu Amigo, foi estabelecido o Acontecimento da Encarnação e da Ressurreição do Filho do Homem.

Daí que todos compreendamos que, uma vez cumprido o Sacrifício do Cordeiro de Deus, todas as gerações que, pelo Pecado de um único homem, foram condenadas a serem lançadas nas chamas do inferno que a Morte acendeu na Terra, ficaram privadas dessa Graça. E, no entanto, nada fez com que as gerações futuras fossem dignas de que a Redenção — pela qual se herda a vida eterna na fé em Jesus Cristo — derramasse sobre nós sua graça.

Nenhum homem da época do próprio Cristo foi melhor do que aqueles que viveram antes de seu Nascimento. Deus profetizou: “Não há homem bom, não há ninguém que faça o bem...”

E como poderia haver algum, após milhares de anos com o pescoço sob as botas daquele que roubou a coroa do Homem e, erguendo-se como o deus dos séculos, conduziu todos os povos da Terra até aquele ponto em que se cumpriu a palavra de Deus: “Não há nenhum homem que faça o bem; todos têm no mal a sua glória...”!

Então, como poderia Deus declarar-se Justo quando, a alguns — sem que fossem melhores —, abriu a Porta da Vida, e a outros — sem que fossem piores —, fechou o acesso à Graça gerada na Fé!

A Ressurreição marcou um Antes e um Depois: o mundo do Antes ficou sem direito à Graça; o mundo do Depois recebe a plenitude da Alegria daquele que não é chamado a julgamento, mas que, pela fé no Nome de Jesus Cristo, passa da Terra para o Paraíso da vida eterna!

Será que o Filho do Criador, Aquele que, com sua Palavra Todo-Poderosa, disse: “Haja luz”, e houve luz, foi insensível a esse Antes e Depois?

Foi esse Filho Todo-Poderoso e Onisciente que, chamando todos os filhos de Deus, disse: “Façamos o Homem à nossa imagem e semelhança”.

De fato, a pergunta exige uma resposta: aquele Caim fraticida que encontrou no crime uma paixão sem limites pelo Poder, foi esse o homem que, no Princípio, nasceu no Espírito do Criador?

Como chamar Deus de Justo se Ele priva alguns da Graça e a outros, sem que tenham feito nada que os primeiros não tivessem feito, abre Seus braços eternos!

Como acreditar que o Filho de Deus não viveu esse desentendimento! Como poderia o Filho do Homem julgar um Mundo à luz de uma Justiça que abandona o Passado à sua condenação e abre para o Futuro a Porta do seu Reino sem outra condição senão o Amor ao seu Nome!

O Espírito Santo diz que Deus aperfeiçoou seu Filho no Filho do Homem.

E assim foi. Contemplar um mundo envolto em chamas inextinguíveis de destruição apocalíptica, mas cujas chamas não te atingem, não é a mesma coisa que estar no centro dessas chamas infernais que devoram tudo, reduzindo a cinzas império após império, reino após reino, povo após povo, gerações das quais o futuro se esquece, das quais não resta mais memória do que lendas sobre ruínas que deixaram de existir.

Como compreender as motivações daquele homem caminhando entre a fumaça e o sangue... quando a fumaça não te atinge, nem seus tênis ficam manchados de sangue!

Quem comoverá o Coração de Deus e fará nascer em seu peito uma Justiça à qual todas as gerações possam se apegar?

Você chora no cume, derrama lágrimas que não se esgotam, sua voz atravessa o firmamento, percorre os céus, penetra na Cidade de Deus, comove o Coração de seu Pai.

Tu, Filho Vivo do Deus Altíssimo, és esse Juiz. Teu Pai te glorificou novamente.

Ele te glorificou, colocando-te à sua direita como Senhor e Rei de toda a sua Criação. Colocou aos teus pés todo o seu Poder, toda a sua Glória; a tua Palavra é Deus, a tua Coroa governa os Mundos criados por teu Pai.

E Ele te glorificou novamente, colocando-te no Trono do Juiz Universal. TU és o Deus Verdadeiro do Deus Verdadeiro; assim como herdaste em vida o Reino de teu Pai, herdas também a Glória do Juiz Universal.

Em tua boca está a vida e a morte da plenitude das nações do gênero humano. Tu és a esperança do mundo ao qual foste enviado para resgatar sua salvação ao preço do teu sangue e do sangue de teus irmãos, geração consagrada ao teu coração e, a partir do teu coração, suplicando à tua alma que tenha misericórdia do mundo que Tu chamaste para a vida eterna.

Tua Glória não tem limites; tanto Te ama Teu PAI que deixou em Teus lábios o Julgamento sobre a plenitude das nações do Gênero Humano. Em Teu Coração, Ele suscitou uma Esperança de Salvação Universal para o Homem que criaste; uma Palavra Tua e a Regeneração do Homem será um Fato.

Teu Poder de Absolvição é Todo-Poderoso, pois teu PAI conhece teu Coração. Ele te enviou à Terra que criaste e ao Homem a quem chamaste para a vida eterna. Abandonado nas trevas, sitiado por um Assassino Universal, como esperar que, reduzido à condição de bestas selvagens, esse Homem possa conceber alguma boa obra!

Se, mesmo vivendo em tua fé, teus servos se corrompem, como exigir responsabilidade daqueles que não tiveram a graça de viver tua fé!

Não há Graça para aqueles que foram lançados no abismo da Ignorância e da Mentira?

Eis que foi por isso que teu PAI te enviou à Terra, para que, sendo Homem, teu Julgamento seja feito por quem conhece o efeito de “ter sido abandonado por Deus, seu Criador”.

Você mesmo não se sentiu abandonado quando o ferro se cravou em sua carne? E, no entanto, Você é Todo-Poderoso. Bastaria uma Palavra Sua para que aqueles que vieram buscá-lo se dissolvessem no pó, ali mesmo, diante de seus discípulos.

Tu foste homem até as últimas consequências, quando tua humanidade foi abandonada sob o ferro e o fogo, até que teu coração se partiu!

Pelo crime de um único homem, um mundo inteiro foi condenado; pela misericórdia de um único homem, o mundo inteiro foi chamado à graça. Como esquecer aquele mundo antes da tua Redenção? Quantas lágrimas não derramaste ao viver a dor de um mundo chamado a julgamento sem ter conhecido a graça que vem da fé em teu nome?

Não apenas compraste com teu Sangue um Futuro para a Plenitude das nações, mas, com tuas Lágrimas, comoveste o Coração do teu Deus até te tornares a Esperança de Salvação do nosso Mundo: Passado e Futuro. Por Amor a Ti, o Senhor Deus YAVÉ colocou em teus Lábios o Poder da Absolvição Universal da Humanidade.

Senhor, Sumo Pontífice Universal, Rei Pai eterno, Juiz todo-poderoso, a tua Palavra é Deus. Tu é o Poder, tua é a Glória, tu és JESUS CRISTO, nosso Deus e Rei, nosso Criador e Pai que estás nos Céus. Em teus lábios repousa a Vida de um Mundo abandonado nas trevas por um Delito cometido na Ignorância.

Durante milênios, as gerações sofreram em carne própria o chicote da guerra fratricida; como acreditar e esperar que, no Dia da Tua Vinda, seus filhos acreditassem no Filho do Deus a quem já não amavam! Em Teus lábios, Teu Pai depositou nossa Esperança de Salvação Universal. Pelo teu Sangue foram redimidos todos os pecados do mundo e um Homem Novo veio à luz; pela tua Obediência, conquistaste para nós essa Esperança de Salvação Universal, herança da tua Descendência, chamada a conquistar o Coração dos homens, pois o Coração de Deus tu o conquistaste para todos nós.

Glória nos Céus, Alegria na Terra. Assim o dispôs o Senhor Deus YAVÉ, Criador do Cosmos e do Universo, Teu Pai Amado, colocando diante de Ti um Testamento, que Tu assinaste com Teu Sangue, pelo qual, em Unidade com Seu Pai, Tua Descendência brilhará em meio às trevas, abrindo o caminho para as nações saírem do campo de batalha e entrarem em Teu Reino.

Desaparecerão da Terra os ditadores e os tiranos; serão vencidas todas as doenças que a Morte semeou no corpo da Humanidade; será erguido para a Paz um Corpo Invencível contra o qual se estrelarão as ondas da Guerra.

Tua Justiça estenderá sua Graça de um canto do Mundo; não haverá quem possa fazer da Mentira seu meio de chegar ao Poder, pois a Verdade será a Raiz do Pensamento do Homem. Os povos adorarão tua Coroa e terão sua vida em teu Trono. Não haverá entre os homens quem conceba o Mal e busque o Poder sobre a ruína de seu povo.

Os famintos se saciarão de Justiça, os sedentos de vida, de Paz. A Humanidade correrá ao Teu Encontro para viver no Paraíso de Teu PAI, em Fraternidade com todos os Povos de Vossa Criação.

Teu é o Poder de Regeneração dos seres que foram lançados às trevas, animais selvagens, bestas fraticidas, condenados a lutar, sobreviver ou morrer. O Homem não voltará a levantar a mão contra seu irmão, nem a privar seus semelhantes de pão, roupa e teto.

O Homem que Tu nos revelaste viverá para sempre em tua Descendência.

Tu viste esse Homem Novo e ofereceste tua Cabeça à Espada, pedindo ao teu Deus que desse Nascimento à tua Descendência. Glória ao Teu Pai Eterno, o Senhor Deus YAVÉ; o Teu Verbo retorna aos Teus Braços para a Alegria daqueles que, condenados à destruição, se levantam como a fênix das cinzas nas quais foram lançados, para chamar todas as nações ao Reino do Teu Filho Amado. Por Amor ao nosso Povo lutaremos, e ao Rei dedicaremos nossa Vitória.

Quem pode sair vivo contra a Morte se Tu não o envolves com Teu braço? Quem tem medo do inimigo tendo como escudo o Braço de Deus?

Como pode amar o Deus que não vê aquele que odeia seu próximo, a quem vê!

O amor de Deus e do Rei pelo homem é atestado por aqueles que deram seu sangue como testemunho; por amor à salvação universal do gênero humano, o Mestre e seus discípulos colocaram livre e voluntariamente a cabeça sobre a pedra na qual Abraão pousou a de seu filho único. Isaque não sabia para onde ia, nem por quê. Os Discípulos sabiam de tudo. Não se acovardaram, nem se intimidaram diante de uma espada que não seria detida pelo braço de nenhum anjo. Como não se sentir glorificado em sua Criação!

A Criatura retribuiu ao seu Criador com Amor sem limites para com a sua Criação. O Sangue dos Santos encheu o Coração de Deus; seu clamor por Misericórdia para a Humanidade subiu ao Trono da Glória. Mais um pouco e Deus suscitaria à Esposa do Rei aquela Descendência pela qual Ele selou com seu sangue o Novo Testamento, e ficou escrito: “Toda a criação aguarda com o coração apertado o nascimento do dia da glória da liberdade dos filhos de Deus”.

Alegria nos Céus, Glória na Terra, porque o Senhor Deus do Infinito e da Eternidade, Criador do Cosmos e do Universo, YAVÉ, Pai de Jesus Cristo, não esquece nem volta as costas à sua Criação. A Necessidade impôs sua lei. Mas, uma vez chegado o Dia da Liberdade, é o Pai do Céu, Onisciente e Todo-Poderoso, quem abre os braços para que todos os povos da Terra vivam a glória da liberdade de seus filhos.

Mas como poderá o Juiz absolver aquele que não deseja a Regeneração de sua Alma e rejeita o espírito de Deus? Por isso escreveu o Espírito Santo: “A esperança que se vê não é esperança”.

De fato, a Vitória é conquistada no campo da História.

O Filho de Deus acreditou com todo o seu ser que o Homem, uma vez livre da Mentira, abraçará a Lei do Seu Reino com a força de quem venceu o Inferno, e sua Regeneração será a Defesa deste Mundo sem Cristo, que não teve a oportunidade de receber o Batismo da Graça.

Nessa fé, o Filho Todo-Poderoso de Deus entregou-se à cruz; movidos por essa esperança, seus discípulos e sua geração de cordeiros imaculados dirigiram-se ao altar do sacrifício. Conquistaram o Coração de Deus na fé na vitória dessa esperança de salvação universal, herança da descendência sobre a qual Deus disse: “Tua descendência tomará posse das portas de seus inimigos”.

Nascidos para sermos invencíveis, lutamos por aqueles que não podem lutar por si mesmos, cuja condenação ou absolvição no Dia do Juízo depende da Defesa estabelecida sobre o Acontecimento da Regeneração da plenitude das nações.

Tão mais poderosa é a nossa esperança, pois quem tem o julgamento é o próprio Rei que, por essa salvação, ofereceu sua vida e a de seus discípulos, cordeiros imaculados, glória de sua Casa, conquistadores à sua imagem e semelhança do Coração do Criador do Céu e da Terra, cujo Espírito de Sabedoria e Inteligência legou à Descendência de seu Filho para o Bem de todas as nações e a Salvação Universal do Gênero Humano.

Quem, então, resistirá a esse Espírito? Quem se colocará diante do Rei e de seu Deus!?

Quem não ama o próximo que vê, como amará a Deus, a quem não vê! Ou o que o homem dará em troca de sua alma! E de que servirá salvar o mundo inteiro se perder a alma?

A natureza do Fim exige sua natureza nos Meios. Não se apaga o fogo com fogo. Nem se sacia a fome com a morte do faminto. A santidade do Fim invoca a santidade do Caminho. Não é com ouro nem com ferro, mas com o espírito de YAVÉ que os pés se aproximam da Vitória.

O Filho de Deus, que vive em sua Esposa, a Santa Madre Igreja Católica, é quem gera em nós o Homem à sua imagem e semelhança. E esse Homem, e somente esse Homem, pode avançar rumo à Vitória da Esperança da Salvação Universal, pela qual aquela Geração Divina se ofereceu espontaneamente e seguiu seu Pastor até o Altar dos cordeiros. Ele próprio, o Cordeiro de Deus, com o valor infinito de seu Ser, conquistou para todos a Graça da Fé.

Nosso inimigo é o pai da Mentira, aquela Serpente que injetou seu veneno homicida no Primeiro Homem. Tal é a abominação que nosso Criador sentiu por aquele filho de Deus, chamado Satanás, que, não querendo sequer lembrar-se de seu nome abominável, nos revelou-o na imagem de uma serpente, a Serpente que ele carregava dentro de seu peito. A razão de ser dessa Serpente era e é a destruição de toda a vida na Terra.

Como ela fará isso se não destruir primeiro o Nome de Deus no homem!

Como os homens lutarão por seu mundo se, ao abolirem a Lei de Deus, banirem de suas almas a Força Inata do Amor pelo próximo!

“Amarás a Deus acima de todas as coisas e ao teu próximo como a ti mesmo”.

Como destruir esse Caminho?

Simples, disse Satanás a si mesmo: basta tornar a existência de Deus uma abominação para o ateísmo científico...

... entrega-se à religião do ateísmo científico o poder de moldar a inteligência mundial...

... e o amor do homem por seus semelhantes irá por água abaixo.

Arrastadas as nações para o abismo pelo Poder e pelas Riquezas: puxando o ateísmo científico pela frente da carroça da História — bois, carroça e nações, vitória! —, elas se chocarão no abismo da destruição apocalíptica.

Não há dois sem três!

Sendo a Vida a Lei do “amarás a Deus acima de todas as coisas e ao teu próximo como a ti mesmo”, quando se nega a existência de Deus, o amor ao próximo é banido de todos os corações, e os homens correrão para o campo das guerras mundiais.

Primeira... Segunda... e... Terceira?

Lei inevitável.

O louco acredita que sua loucura é sabedoria reservada à sua altíssima inteligência; os loucos são os outros, deficientes intelectuais incapazes de enxergar sequer o cume sobre o qual se movem seus pensamentos, sentimentos e razões. Inimigo da Existência de Deus, ele cria para si um universo sem Deus, feito sob medida para sua camisa de força. Primeira Guerra Mundial, Segunda Guerra Mundial...

Não há dois sem três! O que a Serpente não conseguiu, a Ciência conseguirá...

Discurso de Satanás aos seus irmãos rebeldes.

E é nisso que está a Ciência.

A Serpente encontrou em Estocolmo a sua Roma, de onde seus sábios-sacerdotes impõem sua religião a todas as universidades, institutos, escolas e creches do planeta. Negada a primeira parte da Lei, “Adorarás a Deus com todo o teu ser”, segue-se a anulação de sua Lógica: “... e ao teu próximo como a ti mesmo”.

Nosso inimigo se esconde nos livros.

SEGUNDA PARTE

O REI É DEUS

JESUS CRISTO É O REI

JESUS CRISTO É DEUS

I

Ação de graças

Bendito seja Deus, pois o amor não O deteve e Ele colocou a Justiça acima do Amor, fundando assim, aos olhos de toda a Sua Criação, Seu Reino em uma Justiça Universal cujos princípios não fazem acepção de pessoas e cuja Lei não conhece exceções.

Comecemos, então, pelo início.

Voltemos aos dias anteriores à Criação da nossa Terra.

É verdade que, em sua demência institucionalizada, os pais do ateísmo científico aboliram o Princípio com o qual Deus abre seu Livro e dá origem à História do nosso Mundo. Nada de excepcional. É natural para a Besta devastar absolutamente tudo até ficar sozinha para, finalmente, devorar a si mesma, começando pela cauda. Existe loucura mais espetacular, suicida e criminosa do que a da Besta que se recusa a reconhecer seu afastamento da sabedoria e faz da Ciência do Extermínio de seu Mundo a glória de seu Orgulho?

A Criação da História da Humanidade teve um Princípio, mas antes desse Princípio existia a Eternidade, e após o Fim da História do Homem na Terra existirá a Eternidade. Não querer enxergar que a História é um Caminho no tempo da Eternidade é a origem de todos os males deste Mundo. Este é um Caminho pelo qual outros Mundos já haviam trilhado, criados pelo mesmo Deus antes do Princípio de nossa História. Uma História Universal aberta à Eternidade, mas que, por causas surpreendentes, conduziu esses Mundos a um estado de Guerra inquietante, cujo motor desenvolveu uma dialética irracional.

Os Poderes dos Povos e aqueles Mundos criados antes do Princípio do nosso se enfrentaram em uma guerra sem trégua. Por duas vezes. O motivo: uma parte desses Poderes deu um passo à frente, reivindicando de Deus um status quo excepcional que os colocasse acima da Lei, ao mesmo tempo em que lhes conferisse o poder de administrar seus Mundos de acordo com leis criadas por eles mesmos. Exigiram ser deuses verdadeiros no meio de seus povos. NÃO lhes bastou ser s filhos de Deus e, de acordo com essa divindade, protagonizar a História da Eternidade! NÃO! Queriam reduzir a Presença de Deus em Sua Criação à de um mero Ídolo, um corpo sem corpo, sem partes nem paixões, vazio de emoções, de sentimentos e de Poder de julgamento em relação aos atos e ações de seus filhos.

A resposta de Deus Pai à reclamação de seus filhos foi elevar a Lei até a SUA própria Natureza Divina, de modo que quem voltasse a se levantar contra a Lei estaria declarando guerra ao próprio Deus Criador do Cosmos, de tudo o que é visível e invisível: “NÃO comas, pois no dia em que comeres, morrerás”; da Terra, Deus elevou a Lei ao Céu.

II

A Lei é Deus

A Palavra de Deus, Todo-Poderosa e Onipotente, essência e substância visível da própria Natureza do Criador, foi ouvida e compreendida em toda a sua dimensão por todos os filhos de Deus, protagonistas da Queda do Mundo de Adão.

Deus e sua Palavra são uma única Realidade indivisível, incorruptível, onisciente, onipotente e todo-poderosa. A Palavra de Deus é Deus. Enfrentar a Palavra de YAVÉ DEUS é declarar guerra ao Criador do Cosmos e Senhor do Infinito e da Eternidade.

NÃO se pode conceber maior loucura: uma criatura, criada pelas MÃOS DIVINAS a partir do pó das estrelas, desafiando seu Criador para uma Guerra Total, declarando guerra ao SEU VERBO.

A imunidade por seus atos, que uma parte dos filhos de Deus vinha reivindicando há muito tempo, antes mesmo da criação do Homem, pedindo ao Senhor da Eternidade e do Infinito — reivindicação que se tornou pública quando, em uma só voz, usaram Eva como o beijo de Judas e Adão como uma lança contra o peito de Deus; em vozes puras, reclamando ao Senhor do Cosmos e dos espaços infinitos que a Casa de Yavé e Sião — deuses e filhos de Deus, príncipes do Império do Paraíso de Deus — se tornassem a exceção à Lei, exceção obrigatória diante da qual a Justiça Divina se curvasse e concedesse liberdade eterna e onipotente para agir à vontade, sem prestar contas a nenhuma Justiça por seus pensamentos, palavras e obras; essa imunidade infernal, demoníaca e maligna que pretendia transformar as Nações do Universo em exércitos de soldadinhos de chumbo para diversão dos deuses, e porque Deus ama acima de todas as coisas a Justiça, Deus, sobre o cadáver de seu filho mais novo, nosso Adão, negou-a de uma vez por todas e para sempre, pela eternidade das eternidades, jurando por Sua Cabeça Onisciente e Todo-Poderosa que todos os inimigos de Sua Lei seriam banidos de Seu Reino e de Sua Criação para sempre.

De fato, retratada Sua dor na Paixão de Cristo, enorme e profunda foi a dor daquele Pai a quem, enquanto desfrutava do Descanso, mataram seu filho mais novo sem lhe dar oportunidade de defendê-lo. E terrível foi o grito de dor que, contra a casa rebelde, ecoou por toda a extensão dos Céus.

A loucura havia se tornado carne. Criaturas de origem animal, elevadas às alturas mais belas jamais sonhadas por nenhuma espécie viva do Cosmos — ser filhos de Deus, participar

pela Eternidade da Vida do Criador —, logo se cansaram dessa Glória e, por incrível que pareça, mas é verdade: exigiram do Senhor da Sabedoria, DEUS INCRIADO, viver em pé de igualdade.

A possibilidade da rebelião existia, mas como conceber que um simples grão de poeira estelar ousasse se considerar capaz de sentar-se no trono do Criador das estrelas que preenchem o Cosmos! A LEI foi elevada à Natureza de DEUS para que aquilo que não se conseguiu pelo AMOR fosse obtido pelo TEMOR.

A PALAVRA DE DEUS É LEI

A PALAVRA É DEUS;

A LEI É DEUS

YAVÉ, DEUS PAI, acreditou que, diante da Proclamação da Lei, por temor a Deus, seus filhos abandonariam aquela reivindicação insana.

Deus é Incriado; Deus não pode ser criado. Querer ser Deus é a negação dessa Realidade Cosmológica. O Vínculo entre o Criador e sua Criação é o AMOR. No AMOR do Criador por sua Criação, suas criaturas têm tudo: Vida eterna, a porta aberta para o tesouro de sua Onisciência, a Sabedoria Criadora como Mestra: Deus é o Verdadeiro Pai!

III

O Espírito Santo é Deus

A traição se consumou. Os filhos rebeldes não cessaram de reivindicar aquele status quo pelo qual se levantaram em guerra nos dias que antecederam a Criação de nossos Céus e de nossa Terra. O MEDO não os deteve. Acreditaram que poderiam derrotar Deus, colocar de joelhos o Criador do Cosmos: obrigá-Lo a abolir a Lei, extirpar de Seu Ser o Espírito Santo da Justiça.

NÃO se detiveram diante do Crime contra Adão, o menor dos filhos de Deus.

A imunda Besta assassina planejou transformar o Homem no machado de guerra com o qual o Dragão Satânico escreveria sua última palavra: Mais o Inferno do que viver em um Mundo governado pelo Espírito Santo da Lei: incorruptível, imarcescível, onisciente, onipotente, com a Paz como Alma, o Amor à Vida como Coração, expressão visível do Ser Divino: TU, YAVÉ DEUS, PAI DE JESUS CRISTO.

Que tua Sentença recaia sobre os inimigos do teu Reino e que o teu Povo conheça a Liberdade daquele que nada tem a temer pela eternidade: pois o teu Espírito Santo é Deus.

IV

O Julgamento de Deus

Mas, mesmo com o peito perfurado pela lança da traição, o Criador Todo-Poderoso e Onisciente do Cosmos tinha as mãos e os pés pregados na Cruz de Sua Justiça; pois, se Ele descesse daquela Cruz, seria o Espírito Santo da Justiça quem desceria ao Inferno; e, não cabendo em Sua Mente tal Futuro para o Seu Reino, Deus Pai entregou à Morte Seu filho menor e, com ele, a Plenitude das nações da Raça Humana.

Terrível seria a acusação daqueles que levantariam contra Sua Justiça o argumento de ter predestinado ao Inferno um mundo inteiro pelo pecado de um único homem. Mas infinita é a Sua Bondade, pois colocou a Justiça acima do Amor para que a Verdade reinasse para todo o sempre.

Bendito seja Deus Todo-Poderoso, pois, podendo ressuscitar seu filho Adão, ao preço de expor toda a criação à corrupção que nasce da Imunidade Absoluta em favor daqueles que a governam, Ele rejeitou uma felicidade passageira e escolheu uma dor presente, berço da glória futura, lançando para longe de si, para longe de si aquela Reclamação Maligna que, por trás do perdão, escondia seu fogo

V

A Lei: Universal e Eterna

O caso era simples. De um lado estava Deus, Criador de toda a vida, aquela que floresceu na Terra assim como floresceu antes em outras partes de Sua Criação, e florescerá, por Sua Vontade, durante a Eternidade por todo o universo.

Contemplando a existência pacífica de todos os povos de Seu Reino, Deus estabeleceu uma Lei Eterna, que prevalece sobre as leis particulares e é o núcleo do qual essas leis particulares brotam como ramos de um mesmo tronco. Essa Lei não tem exceção, não concede imunidade a nenhuma criatura.

Irmão, Filho ou Servo de Deus, todo ser vivo, desde aquele que se assenta à direita do Trono de Deus até o ser mais humilde do Paraíso, todos estamos sujeitos a essa Lei, pela qual cada um é responsável por seus atos perante uma Justiça Universal que não faz exceção de Irmão, Filho ou Servo, e perante seu Tribunal todas as criaturas se apresentam nuas para serem julgadas de acordo com seus pensamentos, palavras e obras. Não há lugar para invocar a Paternidade Divina . E a raiz dessa Justiça é a Verdade; seu fruto, a Paz. Por isso Deus escreveu, para que ninguém se considere imune à Lei em virtude de sua posição em Seu Reino: Deus criou o homem nu.

Por outro lado, temos uma parte dos filhos de Deus que, incapazes de aceitar essa nudez, reivindicaram essa imunidade natural a deuses nascidos de um Deus Todo-Poderoso e Eterno, a quem ninguém pode julgar. E, como filhos desse Deus, reivindicaram o Todo-Poder que era natural ao Deus dos deuses, dando origem, por meio desse poder, à exceção que a Lei não concede.

A questão que esteve na origem da traição daqueles filhos perversos de Deus — traição consumada com o homicídio de Adão — residia em como arrancar de Deus essa imunidade. Pois Deus não só não estava, nem está, nem estará pela eternidade disposto a dar luz verde à transformação de sua Casa em um Olimpo de deuses acima da Lei, mas, para resolver a questão, publicamente e diante de toda a sua Casa, personificada em seu filho mais novo, Adão, revelou sua última Palavra: “Quem comer desse fruto, morrerá; sem exceção”. E Ele não queria mais ouvir falar sobre o assunto, jamais!

A Lei é universal e permanecerá assim para toda a eternidade.

VI

A Astúcia da Serpente

O pensamento daqueles que não conseguiam conceber a vida eterna no seio de uma Paz Universal fundamentada na Justiça Divina, perante cujo Tribunal todas as criaturas, independentemente de sua posição social, somos iguais perante a Lei; o pensamento dessas pessoas, digo, e mesmo tendo Deus dado Sua Última Palavra, e precisamente por tê-la dado, não só não se submeteu à Necessidade, para não falar da Bondade Infinita que o Verbo derramava sobre o Futuro da Criação, mas deixou-se arrastar para a Rebelião aberta com base nessa Decisão Final manifestada: “No dia em que dele comeres, certamente morrerás”.

Em sua astúcia maligna, o líder e príncipe dos rebeldes colocou sobre a mesa dos conspiradores, sob o Signo da Serpente, a resposta ao seu problema. É evidente que a Lei é todo-poderosa enquanto tem no Ser de Deus sua Força; mas e se Deus ficasse escravizado à sua própria Palavra e, por amor à sua Liberdade, Ele próprio tivesse de quebrá-la? Nesse caso hipotético, não ficaria em dúvida que o Verbo é Deus? Vou me explicar:

A Lei é Onipotente e não faz exceções. Adão come, Adão morre. Pelo pecado de um único homem, Cabeça de seu Mundo, pois “Deus criou o homem à sua imagem e semelhança”, o mundo inteiro morre. Ora, a Lei vincula Deus ao Verbo, à sua Palavra, submetendo-O a consumir seu Projeto de Formação do Gênero Humano. Assim, sendo o Verbo a palavra de Deus, a Lei vincula Deus ao Mundo até que sua Palavra se cumpra. Mas se essa Palavra nunca se realizasse e, portanto, a Humanidade nunca alcançasse a condição de filhos de Deus, Deus se veria obrigado a renunciar à sua Lei; com isso, para se tornar um e livre de sua Palavra, Ele teria que abolir por Si mesmo a Sua Divindade. Ou... obrigado por Sua Palavra..., Deus teria que tentar uma e outra vez até que Sua Vontade se cumprisse... mas e se ela não pudesse se cumprir... por falta de... matéria?

Então, tudo o que havia a fazer era usar Adão como uma lança contra o Verbo, cravar a lança no peito de Deus e, a partir daí, entregar-se à destruição da raça humana, de modo que, na ausência de matéria, Deus se visse obrigado a reconhecer que havia sido derrotado e, consequentemente, tivesse que impor à sua Justiça tal exceção. Ou seja, o Monte de Deus, Sião, teria que evoluir e se transformar em um Olimpo de deuses. Toda a Criação teria que se ajustar a essa nova Lei... e todos os Povos do Universo... estariam à mercê... dos Novos Deuses.

VII

A BATALHA FINAL

Deus, Pai de Adão, sentiu-se ferido até o mais profundo de seu coração.

Como um pai que, ao voltar de uma viagem, encontra o cadáver de seu filho no jardim de sua casa, Deus ficou com uma ira infinita ao descobrir que o assassino de seu filho havia sido justamente aquele a quem Ele havia confiado a guarda do filho enquanto estava viajando.

Deus, como Juiz incorruptível, proferiu sentença contra todas as partes com a severidade que a Justiça exigia, impondo punição sem levar em conta a origem e a condição social dos criminosos.

Deus, na qualidade de Criador, ficou maravilhado diante da loucura infinita que, aos seus olhos, representava a declaração de guerra lançada em cheio em seu rosto por uma criatura que Ele mesmo havia tirado do pó, cuja existência Ele poderia apagar da face do Tempo e do Espaço com um simples sopro.

Deus, na qualidade de Deus, não podia deixar de ver, por trás do movimento desses peões no Tabuleiro da Eternidade, o rosto de seu Verdadeiro Inimigo: a Morte.

Durante muitas eternidades, desde o próprio Dia em que Ele se lançara à conquista da vida eterna para todos os seres, a Morte vinha seguindo os passos de Deus a fim de obrigá-Lo a aceitar a coexistência sempiterna — como havia sido desde o princípio sem princípio da Não-Criação — da Vida e da Morte no seio da Criação.

Deus limitara-se a ignorar a existência da Morte enquanto Entidade Não Criada, tendo-a considerado um fenômeno inerente à Vida.

A Alegria de Deus Pai no Filho, a Alegria da Criação do Universo e de seus primeiros Mundos, a Alegria do crescimento de seu Paraíso em um Império Maravilhoso cheio de vitalidade, foram alegrias que se viram ofuscadas pelas Guerras do Céu; no entanto, e visto que Ele já havia conhecido a Ciência do Bem e do Mal, dispôs-se a extirpar de sua Criação essa Árvore amaldiçoada pela Lei, a fim de que a Guerra, seu Fruto, não espalhasse seu fogo pelo Universo e o Inferno levasse sua Obra para as trevas do esquecimento.

De repente, com o Espírito em suspense e embora Deus soubesse que “aquele touro já havia chifrado antes”, impôs a todos os seus filhos, sem exceção, a Lei como jugo, a fim de

submetê-los todos à Obediência; mas “aquele touro”, que já havia chifrado antes, se solta e se lança contra um Adão sem nenhum conhecimento da natureza do fruto da ciência do bem e do mal — daí a Ignorância como Fundamento da Redenção; um Adão sem qualquer conhecimento do instinto assassino da Besta é chifrado por ela até a morte.

Deus diz a si mesmo: “Impossível”; levanta o olhar e vê seu verdadeiro inimigo, a Morte. E, em sua dor, ele enfrenta-a de frente, aceita a declaração de guerra e lança-se à Batalha Final.

VIII

Fundamentos da Batalha Final

Houve Redenção porque houve Ignorância; de modo que, se pela Ignorância veio a maldição: por essa mesma Ignorância, porque ela existiu — e, se não tivesse existido, a Redenção não teria sido possível por Lei —, ocorreu a Redenção prevista na lei do Sacrifício Expiatório pelos pecados.

Ora, a Lei de Moisés voltava-se para o indivíduo e, em sua vertente mais ampla, para o sacrifício pelos pecados do povo hebreu e judeu. Mas, tendo todo o mundo pecado e vivendo no pecado por causa da ignorância de Adão — cujo pecado sofremos em nossa carne, nós, a plenitude das nações do gênero humano —, essa Lei era símbolo e anúncio do sacrifício expiatório de todos os pecados do mundo que Deus estava preparando. A resposta à pergunta: “Que Cordeiro poderia ter tanto valor aos olhos de Deus a ponto de os pecados de todo um mundo serem lavados em seu Sangue?”, e as questões decorrentes, fazem parte da Doutrina da Santa Madre Igreja Católica desde os dias dos Apóstolos.

O importante para nós é que Deus assumiu nossa Causa como sua e se responsabilizou pela Queda, na medida em que, “sabendo que aquele touro tinha chifres”, expôs nosso Futuro e o de toda a Criação.

Assumida a nossa causa, o dilema no qual os discípulos do Maligno quiseram aprisionar Deus e, entre os nós de seu impossível labirinto gordiano, quiseram despojá-Lo de Seu Espírito Santo, reduzindo a Divindade ao Poder — em virtude dessa nova realidade, a Verdade, a Justiça e a Paz seriam marginalizadas da estrutura do Cosmos —, esse dilema passava por como separar o espírito de Deus e o Espírito Santo do Criador.

Era natural! Era essa Propriedade do Ser que se opunha a um salto de tal natureza que, deixando para trás a Verdade como raiz da Justiça, colocaria o Futuro em um Campo de Guerra Perpétuo, cujo desfecho final seria a Destruição Absoluta da Criação por seu Criador e . E foi por isso que Deus se recusou categoricamente a aceitar a transformação de seu reino em um Olimpo de deuses, todos acima da Lei.

Mas, do ponto de vista da escola maligna que defendia esse novo status, esse dilema poderia ser resolvido fazendo com que o Filho de Deus provasse o fruto da Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal, ou seja, a Guerra. A astúcia do Maligno atingiria seu clímax

ao seduzir o Único que poderia fazer com que Deus abrisse uma exceção na Lei, englobando em seu Olimpo os deuses, ou seja, toda a Casa de Deus.

O que aconteceria se o Filho de Deus encontrasse satisfação na Guerra? Como Deus poderia saber se Seu Filho Unigênito gostava ou não da Ciência do Bem e do Mal, se Ele ainda não havia provado seu fruto?

Diante de uma suposta escolha definitiva do Filho de Deus a favor da escola do Diabo... o Espírito Santo não perderia a Batalha?

Esse era o esquema insano que o Maligno apresentou como sabedoria, por meio da qual separaria Deus e o Espírito Santo.

Quando Deus descobriu o efeito disso e se viu diante de fatos consumados, ele viu pela primeira vez o rosto de seu Verdadeiro Inimigo.

Estava claro que ali havia atuado uma Força não criada; Deus não podia mais continuar justificando o comportamento de seus filhos em tal ou tal situação, nem continuar se culpando por ter subestimado o valor de sua própria Vitória contra a Morte, a saber, a criação da vida à sua imagem e semelhança.

A Morte, essa realidade que Ele outrora definira como a ausência de vida eterna, revelava-se a Ele em toda a sua Realidade Não Criada na Loucura da escola da Serpente, cuja cabeça, Satanás, pretendia destruir o Espírito Santo utilizando o Filho contra o Pai.

A batalha tornou-se cósmica. Era toda a Criação que se via ameaçada por aquela Força Não Criada contra a qual Deus se ergueu com um Universo no qual a Vida herda a Imortalidade de seu Criador e se torna uma Árvore cujos galhos cobrem a Eternidade e o Infinito com Mundos.

Era esse Novo Universo que a Morte tinha de derrubar.

Somente Deus em pessoa poderia se levantar contra essa Força e bani-la de sua Criação. Era a hora da batalha final daquela guerra que Deus declarou à Morte quando, por seu todo-poder e onisciência, a Vida se tornou imortal! Se até então Deus não havia visto cara a cara o verdadeiro inimigo de sua Criação, uma vez que a loucura desferida no Éden se consumou, Deus abriu os olhos e viu o rosto de seu inimigo.

A partir daquele momento, tudo ficou em suspenso.

IX

A expectativa de toda a “criação”

É evidente que Aquele que outrora abriu no Infinito a Fonte da qual jorra toda a energia criadora do Cosmos, esse mesmo Deus poderia destruir tudo o que foi criado, abrir um buraco negro no Infinito e lançar seu Inimigo para dentro dele, selando essa fossa para toda a Eternidade. Mas isso pressupõe um Deus que está sozinho e age de acordo com sua solidão.

Mas Deus não está sozinho. Como explicar ao Seu Filho a destruição em massa de todo um Cosmos sem basear Seu Poder no capricho de um Deus que pode se permitir criar e destruir conforme Lhe apraz!

A Morte havia atacado onde acreditava que sua flecha colocaria Deus de joelhos.

Não se cria um Cosmos para, da noite para o dia, decidir apagá-lo do mapa. Isso é coisa de matemáticos e loucos. Ninguém trabalha do nascer ao pôr do sol durante um verão inteiro para deixar que o fruto caia no chão assim que amadurecer.

A primeira coisa que o Filho de Deus faria seria perguntar-se por quê. Deus não poderia simplesmente agarrar seu Inimigo pelo pescoço e jogá-lo no Inferno?

E o que é mais importante: como saber a resposta de seu Unigênito à questão sobre a origem da Queda de Adão e da Rebelião contra o Espírito Santo se Ele próprio não tivesse sido exposto à tentação?

Toda a Criação permaneceu em suspense desde Adão até Cristo. Pois ficou evidente para todos os filhos de Deus que a Imortalidade e o Conhecimento do Bem e do Mal são incompatíveis, que, se levado ao extremo de escolher entre seu Filho e o Universo, Deus destruiria toda a Obra de suas mãos, reduziria o Cosmos a pó, e, como já havia feito antes, recomeçaria do zero, tomando cuidado, naquela próxima vez, para não deixar nenhuma porta aberta para a Semente da Morte.

O futuro de toda a Criação, tal como existe, estava, portanto, nas mãos do Filho de Deus. E havia apenas uma maneira de dissipar a Dúvida: que o Filho de Deus falasse por si mesmo.

Para Deus, a questão estava fora de toda dúvida, mas, como a Dúvida havia encontrado seu caminho e exigia ouvir do próprio Filho de Deus sua Palavra Final a respeito: SIM à exceção à Lei para os filhos de Deus, ou NÃO a ela, assim seria.

Todo o Antigo Testamento nada mais é do que a preparação do cenário a partir do qual o Filho de Deus daria a conhecer sua resposta “à criação inteira” — sua posição a respeito da Ciência do Bem e do Mal: exceção na Lei para os filhos de Deus, ou Reino da Justiça sobre todo ser, sem aceção de pessoa?

Os filhos de Deus que se tornaram o corpo da Antiga Serpente, fazendo de Satanás sua cabeça, revelaram sua decisão dançando sobre o túmulo de Adão, demonstrando que, por n , nada no mundo os levaria a viver sob o Império de uma Lei que não fizesse distinção entre Governante e Governado.

Assinada a Declaração de Guerra contra o Espírito Santo sobre o sangue de Adão, toda a criação, escandalizada pelo Fim que se delineava em seu horizonte, permaneceu com o peito

em suspenso, o coração encolhido, à espera da Decisão do Único que poderia obter de Deus tal transformação de seu Império em um Olimpo de deuses, todos além do Bem e do Mal.

X

Império ou Cruz

Há duas coisas com as quais não se brinca: o sangue e o fogo. Mas e quando o sangue e o fogo se tornam uma única coisa?

Chamava-se JESUS. Tal era o Nome do Filho de Deus, de cujos lábios dependia o Futuro de toda a Criação. Por amor ao seu Filho, Deus não teria hesitado em apagar as galáxias do mapa do cosmos, apagar o próprio cosmos e iniciar uma Nova Criação. A Decisão era Sua.

Ele se fez homem para que toda a criação ouvisse, por meio de palavras, a resposta do Filho de Deus à questão em disputa: sim ou não ao Espírito Santo de uma Lei que não admite exceções e se apresenta como a Rocha sobre a qual o Edifício da Justiça permanece indestrutível ao longo do tempo.

A Última Palavra era Sua.

Se sua resposta fosse um Não à Igualdade de todas as pessoas perante a Lei, Jesus só precisaria escrever seu Não, encarnando a visão do Messias que o judaísmo havia formado. Ele era o Filho de Deus; a Ele pertencia o Poder. Uma vez tomada a decisão final, se estivesse de acordo com o judaísmo, nada nem ninguém poderia impedir o caminho do filho de Davi rumo ao Império Universal de Jerusalém; ... Roma sucederia Atenas, a jornada da “testemunha do império” de Uruk a Atenas terminaria em Jerusalém... se a decisão final do Filho de Davi fosse um “Não” à Lei do Espírito Santo.

Se a resposta de Jesus fosse um “Sim” à LEI DE YAHVÉ, ele só precisaria dobrar os joelhos e subir à cruz, assinando assim sua Declaração Final com o sangue de Cristo.

Duas portas. Uma levava à glória efêmera do império; a outra... à Glória eterna do Reino de Deus. A decisão era dele. O futuro de toda a Criação estava em suas mãos. Se o Filho quisesse ver com seus próprios olhos em que experiência teve origem a Lei do Pai contra a Ciência do Bem e do Mal, essa experiência levaria toda a Criação à sua destruição total. Teríamos alegria para hoje e tristeza mortal para amanhã... mesmo que esse amanhã amanhecesse para uma eternidade do outro lado da Noite dos tempos.

XI

A doutrina do Diabo

O Filho é Deus; ele podia se dar ao luxo de viver um Apocalipse cósmico do outro lado do livro da História. E daí? Não é tudo argila viva sobre a qual Deus sopra seu sopro de vida, e se Ele o retira, ela expira e volta ao pó? Por que não viver a experiência? Afinal, uma criatura não consegue suportar a existência eterna. Mais cedo ou mais tarde, ela precisa da Morte, pede por ela, implora por ela; é o sonho do descanso eterno, o sonho da paz definitiva, pó ao pó, cinza às cinzas. Por que não transformar esse tempo entre o Hoje e o Amanhã em um passeio pelos campos de uma Guerra dos deuses?

Deus não tem nada a perder, é indestrutível e, sendo o Filho da mesma Natureza que seu Pai, onde está o medo? A Criação não é um espetáculo? Às vezes: tragédia; outras, comédia; agora um circo, depois um casamento, um funeral, uma lágrima, uma risada... onde está o mal em se divertir?

Que bem há em uma Lei que não admite exceções e se assemelha a uma máquina seguindo as diretrizes de um programa virtual?

Afinal de contas, basta a Deus querer para transformar pedras em pão, abrir a boca para apagar um incêndio e ressuscitar os exércitos caídos durante uma Guerra dos Mundos. O que há de errado na glória de um deus que exhibe seu Poder pelas estrelas, mobilizando mundos como rebanhos que correm para o matadouro a fim de alimentar as barrigas dos deuses?

A Liberdade, a Paz, o que é tudo isso se não existe o Poder de libertar escravos e acabar com as guerras?

XII

A doutrina do reino dos céus

Seu nome era Jesus, e ele era o Cristo: “Afasta-te de mim, Satanás”. Esse foi o momento em que o coração de toda a criação se liberou, o peito que estava contraído se expandiu, e, na alegria de tantos filhos, as lágrimas brotaram dos olhos de Deus. E um grito ecoou no Infinito: Vitória!

O Pai, o Filho e o Espírito Santo, um único Deus, uma única Realidade Espiritual Eterna.

Agora, assinar a Resposta, mergulhando a caneta no sangue do Cordeiro de Deus. Agora, ser o Primeiro a atestar o Não à Exceção à Lei.

Deus, exaltado diante de toda a sua Casa pela Obediência de seu Filho Amado, aboliu o Império dos filhos de Deus e elevou a Coroa de seu Unigênito ao Reino Universal. Não há reis, apenas príncipes, todos sujeitos à Coroa Universal e sempiterna do Filho de Deus. Um único Rei, um único Senhor e Salvador.

XIII

A Esperança da Salvação Universal

Mas Deus fez mais. Colocou tudo aos pés de Seu Filho, tanto o Trono do Reino, perante o qual todo Poder responde, quanto o Trono do Juízo Universal, perante cujo Tribunal toda criatura responde. E, ao colocar o Juízo Final em suas mãos, Deus investiu seu Filho da Glória que Ele havia reservado para si mesmo: a Glória daquele que tem o Poder de proferir a Absolvição Universal ou a Sentença de Condenação ad eternum, sendo sua Sentença inapelável e definitiva.

Assim, considerando a Justiça pela qual a ignorância de nossos pais nos tornou dignos da Redenção, Deus quis nos dar como Juiz aquele que, no Princípio, disse: “Haja Luz”, para que encontrássemos no Juiz o nosso próprio Criador, Aquele que sofreu a Morte em seu próprio ser e, conhecendo seu Poder, nos julgue de acordo com nossa natureza e não em relação à Sua.

Desde a mais tenra adolescência, entregues ao Império da Morte, monstro todo-poderoso que preparou mesa de banquete para seus príncipes, servindo nossa carne como manjar de reis e nosso sangue como ambrosia para os deuses, nós, as nações humanas, tivemos o ódio e a vingança como tutores e mestres; a crueldade e o terror foram nossa escola e academia, trilhamos o caminho ao longo dos milênios como bestas que rastejam de quatro pelas desertas inóspitas, onde a lei é devorar ou ser devorado. A Ciência do bem e do mal foi o nosso destino! Quem terá piedade dos crimes cometidos nas trevas de uma batalha em que a trégua e o refúgio foram reservados aos mortos?

Como o Deus do Amor poderia nos entregar nus — tendo nossa alma original sido forjada entre nuvens de algodão leves como sonhos felizes — a um Tribunal alheio à Misericórdia?

Será que o Deus de todos os povos permitiria que um Juiz, que nunca conheceu a fragilidade desta nossa carne acorrentada à parede dos infernos cruéis da fome e da sede de justiça, levantasse o punho contra nós?

Como julgar o barro por não resistir ao ímpeto da corrente que desce das montanhas arrastando pedras e troncos?

Por qual lei pode ser julgada a mordida que o filhote abandonado na selva dá na perna daquele que dorme em sua barraca?

Que Direito deve ser abandonado para nos julgar por nossos atos, sem levar em conta a força onipotente que, de núcleos desconhecidos, lança seus raios contra mentes surpreendidas em plena festa?

Aquele que sonhou com nossa Libertação no espaço não deveria levar consigo nossa libertação no tempo?

Deus, que ama profundamente toda a sua criação, quis abrir horizontes para o Poder de seu Filho e mostrar-lhe como, com uma única Palavra, pode fazer com que um mundo inteiro

renasça e que sua Alma não se lembre da dor e da pena, mas que, como quem tem um pesadelo, se levante e esqueça para sempre o pesadelo em que foi aprisionado por uma traição abominável.

Eis a Glória do nosso Juiz: ela não está em nossa Condenação, mas em nossa Absolvição.

E como no espírito da profecia está a absolvição para aquele que se converte, foi nesse Espírito que nos chegou a Doutrina do Reino dos Céus, a fim de que, por meio de nossa conversão, alcançássemos a graça para todas as nações de nossa humanidade, de modo que, se por um homem todos nos tornamos pecadores, e por um único outro muitos se tornaram justos, pelos que cremos sejam justificados aqueles que não conheceram nem viram o Filho de Deus. Pois, justificada pela sabedoria de nossas obras a alegação de que o pecado das nações decorreu de sua ignorância sobre a ciência do bem e do mal — porta pela qual o Diabo entrou em nosso mundo —, por meio de nossas obras, apresentadas como argumento de defesa das ações cometidas na ignorância, que o Juiz Universal veja que, uma vez estabelecido em Sua Sabedoria, o pecado não pode mais ter poder sobre o homem, a partir de hoje e para toda a eternidade.

TERCEIRA PARTE

O CRISTÃO, FILHO DE DEUS, CIDADÃO DO SEU REINO

“Façamos o homem à nossa imagem e semelhança”. Não sabíamos qual era essa Imagem à qual fomos criados à semelhança, até que Aquele que falou se fez Homem.

O homem não é Deus. Deus não é homem. A resposta a essa questão foi dada por Ele ao gerar Cristo: “Eis o Homem”. Aquele em quem não habita essa Imagem do Filho de Deus não é cristão nem é homem. O Homem é aquele Ser em quem habita a Imagem do Filho de Deus, de cujo Espírito herdamos a condição de filhos de Deus e a cidadania do Seu Reino. A Encarnação de JESUS é o Discurso do Criador sobre a Natureza do Homem que Ele chamou à Vida eterna. Abandonado nas trevas, esse Homem morreu nos homens, foi sepultado nos abismos do ódio e das guerras dos milênios. O Filho de Deus veio para ressuscitá-lo. Em Sua Ressurreição, aquele Homem, que fora lançado na cova, ressuscitou.

Com Sua Encarnação, JESUS levantou o Homem das trevas nas quais ele fora enterrado pela avalanche de milhares de anos vivendo um inferno.

O cristão é, antes de tudo, um cidadão do Reino de JESUS CRISTO, adorador da Lei do seu Espírito, pela qual herda o Direito Divino de todos os filhos de Deus à Verdade, à Justiça, à Paz, à Liberdade, à Inteligência à imagem e semelhança do seu Criador e, acima de tudo, seu tesouro mais inalienável: O Amor de seu Criador, nosso Pai que está nos Céus.

Mas o Amor a Deus, nosso Pai, manifesta-se na Obediência à Sua Palavra, de modo que quem não obedece à Sua Vontade e permanece alheio à Natureza da Sua Palavra não tem justificativa para sua conduta. A Fé, na verdade, é a Chave que abre a Porta do Paraíso: ninguém deve esquecer que a Fé não é simplesmente o conhecimento de que JESUS CRISTO é o Filho de Deus, de acordo com a Declaração Universal Eterna de Nossa Mãe, a Santa Igreja Católica. Se a fé se reduzisse a esse conhecimento proveniente da razão, o maior de todos os cristãos seria aquele Satanás que se levantou para matar Cristo. Acaso Satanás não estava entre os chamados a formar o Homem à imagem e semelhança dos filhos de Deus? Vê-se, então, que o Conhecimento sem a glória que provém das Obras realizadas à imagem e semelhança de Cristo Jesus é fé morta. Por suas obras, e não por seu conhecimento, foram condenados ao Exílio Eterno aqueles que acreditaram que poderiam afastar de Deus o Espírito Santo.

Quem separa as obras da fé à imagem e semelhança de Cristo comete o mesmo delito que aquele que separa Jesus do Filho do Senhor Deus YAVÉ. Pelas obras se reconhece quem é quem.

As leis humanas, ao entrarem em uma guerra aberta entre o Direito Civil e o Direito Natural, cometem um crime contra Deus e a Humanidade. O homem e a mulher não se

criaram a si mesmos. Quebrar e anatematizar as leis que deram origem à Criação do homem e da mulher é querer criar uma abominação aos olhos do Criador da Vida na Terra.

Afastar-se da Lei do Espírito de Cristo é abolir a Lei Natural gravada em pedra no Sinai, posteriormente escrita por JESUS CRISTO na Alma Cristã com o fogo que nasce do Espírito.

A Lei do Criador é inabalável: criados livres e dotados de inteligência à sua imagem e semelhança, todos os cidadãos do universo estamos nus diante dos olhos de sua Justiça.

Não há poder que possa comprar o julgamento de um juiz cuja justiça tem, no braço do Criador do Universo, sua glória.

A Lei não nos foi dada para escravizar os povos aos interesses de um grupo de famílias, clãs ou tribos. A Lei é a garantia da paz entre todas as nações da Criação. Na paz, todos encontramos a liberdade, a alegria e o horizonte aberto para uma vida cujos dias nunca terminam.

A criação de um mundo aberto a povos originários de diferentes espaços e tempos só pode ter a garantia da vida eterna na adesão de todos a uma cidadania universal que faz de todos ramos de uma mesma árvore divina: a Árvore da Vida Eterna.

A Eternidade não começa amanhã. Vivemos na Eternidade. Adormecemos com ela e despertamos para ela a cada dia. Quem aqui não vive à luz da Lei da Eternidade, como poderá ser admitido em um Mundo cuja Lei, em seu mundo de origem, desprezou!

JESUS foi o Primeiro Cristão, o Filho do Homem que nos ensinou a Natureza da Lei pela qual, permanecendo nus perante a Justiça, a Civilização encontra a Liberdade e a Paz. Aqueles que se revestem de imunidades e se blindam com impunidades, comprando e vendendo sentenças e elaborando leis contrárias à Natureza do Universo, são homens e mulheres que renunciaram à imagem e semelhança do Homem segundo o Filho de Deus e entregaram suas almas a Satanás em troca do Poder sobre as nações da Terra.

Depende de nós, hoje, erguer o Edifício da Plenitude das Nações da Terra, e das gerações do nosso Amanhã dependerá mantê-lo, ampliá-lo e desenvolvê-lo, tendo sempre na Lei do REI a Rocha e o Fundamento da Verdade, da Justiça e da Paz entre todas as nações e os povos do Gênero Humano.

Dar vida ao Argumento de Cristo: o homem, se não tivesse sido enganado pela Serpente, jamais teria comido do fruto da Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal; a vida desse argumento não está nos discursos de teólogos e ditadores da palavra; essa vida está nas obras de todos, feitas à imagem e semelhança das obras de Jesus Cristo: “Amarás a Deus acima de todas as coisas e ao teu próximo como a ti mesmo”; seu resumo:

A salvação não está na Letra,
está no Espírito,
e o Espírito está nas Palavras e nas Obras,

de modo que quem fala e não age é um morto,
um túmulo no qual a Morte desperta um filho para o seu inferno
à imagem e semelhança de Satanás, seu primogênito.



1/9/26

CRISTO RAÚL Y&S